

ENTRE O ENGAJAMENTO POSITIVO E NEGATIVO: O SENTIDO DAS FOTOGRAFIAS QUE DOCUMENTAM OS EFEITOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS NA VEICULAÇÃO DA NOTÍCIA DIGITAL

Adalberto Ferdnando Inocêncio¹

Resumo: O objetivo do presente manuscrito foi o de analisar quais efeitos de sentido as imagens escolhidas na notícia digital das Mudanças Climáticas Globais (MCG) são capazes de gerar nos espectadores. Metodologicamente, compuseram o corpus analítico nove fotografias que acompanham as notícias referentes às MCG que enquadram, de alguma forma, o sofrimento humano, circuladas nas páginas jornalísticas no formato digital. Oito das nove fotografias analisadas integram a categoria de engajamento negativo, caracterizadas por levar o espectador à paralisia ou inanição. Conclui-se que a veiculação da notícia digital ocupa uma posição estratégica, mas deve repensar suas escolhas de enquadramento.

Palavras-chave: Fotografia; Engajamento; Notícia; Enquadramento.

Abstract: The objective of this manuscript was to analyze the effects of meaning that the images chosen in digital news reports on Global Climate Change (GCC) are capable of generating in viewers. Methodologically, the analytical corpus comprised nine photographs accompanying news reports on GCC that, in some way, frame human suffering, circulated in digital newspaper pages. Eight of the nine photographs analyzed belong to the category of negative engagement, characterized by leading the viewer to paralysis or

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: afinocencio@utfpr.edu.br. Link do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2512088867369823>

inanimation. It is concluded that the dissemination of digital news occupies a strategic position, but must rethink its framing choices.

Keywords: Photography; Engagement; News; Framing.

Introdução

O presente manuscrito teve como objetivo analisar possíveis efeitos de sentido construídos pelas fotografias escolhidas para noticiar, documentar e veicular os efeitos das Mudanças Climáticas Globais (MCG) na notícia digital, passíveis de serem gerados nos espectadores, considerando que as imagens ocupam um papel central e estratégico no que se refere ao compromisso de encampar possíveis respostas às MCG (Shome; Marx, 2016; Lopes, 2022).

Tal investigação se justifica pelo cenário em transição acerca desse objeto do conhecimento, de forma que a temática MCG ainda não fora totalmente incorporada na formalidade dos sistemas de ensino, contribuindo para que a informalidade da mídia de massa ocupasse essa lacuna (Inocêncio; Sereia; Kovalski, 2025), sendo que o jornalismo, dada sua linguagem mais próxima ao uso coloquial, quando comparada aos setores científicos, ocupa o papel estratégico de alcançar um expressivo número de pessoas na comunicação das pautas ambientais (Bittencourt; Vecchio-Lima, 2025). Além disso, reconhece-se o potencial pedagógico encampado pelas mídias potencializado com a transição desse milênio, no sentido de que “Sem ter o objetivo explícito de ensinar, entretanto, é óbvio que elas ensinam alguma coisa” (Silva, 2013, p. 140).

A problemática considerada é a de que nas últimas décadas, a mídia tem encampado um papel de destaque na veiculação das MCG como problemática que passa a ser percebida pelo cidadão (Rodas; Di Giulio, 2017), de forma que as imagens sobre os impactos e efeitos das MCG dominam o discurso visual acerca dessa comunicação e são capazes de aglutinar fatos e emoções de forma mais enfática que os textos e descrições da notícia (Lopes, 2022).

O referencial teórico adotado para fundamentar as considerações traçadas acerca da fotografia, enquadramento, imagem e contextos extremos teve como base os escritos da filósofa estadunidense Susan Sontag (2004; 2025). O referencial da autora fora acionado para analisar imagens que ilustram notícias digitais atinentes às MCG veiculadas online, explorando-as em efeitos de sentido que emergem nas possíveis respostas emocionais que podem acionar em seu público, isso é, em enquadramentos considerados como de sucesso, – aqui compreendidos quando geram alguma forma de aderência do espectador ao conteúdo noticiado – ou em enquadramentos que geram entorpecimento emocional – compreendidos nos casos em que o espectador meramente consome conteúdo e imagem, sem que aquilo suscite compaixão ou identificação.

Tal análise se dá num contexto para o qual já existe a compreensão de que a não-ação diante das MCG pode ter como um dos motivos o insucesso na dimensão comunicativa, admitindo como superada a compreensão de um modelo de déficit cognitivo, para o qual bastaria se comunicar cientificamente com a população, preenchendo uma “lacuna” caracterizada pela ausência de informação a respeito da temática, abarcando que o desafio da comunicação ambiental passa por compreender o papel das emoções positivas e negativas acionadas nesta interface (Lopes, 2022). Hall *et al.* (1999) discutem que a mídia assume uma posição estratégica acerca de tornar compreensível aquilo que é considerado problemático em um determinado tempo e espaço, de forma que as escolhas no enquadramento da notícia estão diretamente ligadas à construção do entendimento sobre os temas enquadrados. A posição dos autores assinala que esse entendimento não é uma tradução pura e simples, mas passa por filtros interpretativos que mobilizam visões e interpretações de mundo subjacentes na cultura.

Metodologicamente, compuseram o corpus analítico as fotografias que acompanham as notícias referentes às MCG que enquadram, de alguma forma, o sofrimento humano, circuladas nas páginas jornalísticas no formato digital. Como procedimento metodológico, são enquadradas as notícias que aparecem na ferramenta Google notícias, tendo, como chave de busca, a expressão “notícias sobre Mudanças Climáticas Globais”, calibrada para o algoritmo da data da pesquisa. Foram descartadas do corpus imagens caracterizadas como banner institucional, consideradas imagens ilustrativas mais simples, de baixo conteúdo informacional e enunciados pouco delimitados conceitualmente, de forma que não apresentam um conflito, dado empírico ou posicionamento político claro, como a imagem “Justiça na COP 30²”, a qual possui uma arara posicionada num fundo azul, com o *slogan* representado em maiúsculo, como consta na primeira notícia que aparece como resultado de busca pela ferramenta. Também foram descartadas imagens que ilustrem demais seres vivos, que não humanos, sob as condições dos fenômenos extremos, uma vez que este não fora o recorte contemplado pelo referencial teórico aqui adotado. Pela mesma razão, descartaram-se imagens gráficas ou meramente técnicas, situadas para ilustrar o conteúdo dos textos, como as comuns imagens do planeta Terra aquecendo com o passar do tempo, ou as imagens de georreferenciamento que destacam ilhas de calor, para citá-las como exemplo.

Após análise das oito páginas que totalizaram a busca, foram selecionadas para o corpus analítico somente nove fotografias, as quais foram enquadradas em duas categorias, sistematizadas com base no estudo predecessor conduzido por O’Neil e Nicholson-Cole (2009), sendo elas: (1) engajamento positivo e (2) engajamento negativo. A primeira categoria se caracteriza por enquadramentos fotográficos cujos efeitos de sentido possam

² <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/o-papel-do-brasil-no-contexto-da-governanca-climatica-global/>.

despertar interesse, identificação, senso de possibilidade (compreendido como sendo agir diante de um problema desencadeado, neste caso, pelas MCG) e agência frente às mudanças climáticas (a ideia de que é preciso fazer algo diante desse mesmo problema). Enquanto caracterizam a segunda categoria efeitos de sentido capazes de gerar medo, choque, culpa ou sensação de catástrofe iminente, levando, como efeito prático, à paralisia ou inanição (O'Neil; Nicholson-Cole, 2009).

Pensar a fotografia com a obra de Susan Sontag

Na obra “Sobre fotografia” (2004), Sontag faz uma crítica à profunda cultura visual moderna, de forma que várias das considerações traçadas no seu contexto de publicação permanecem não apenas válidas, mas intensificadas no presente. Nesta oportunidade, ela analisa a fotografia em afinidade a Barthes (2006), tomando-a não apenas como uma técnica ou arte, mas como uma prática cultural cujo conteúdo não se resume ao que está registrado e, por essa razão, capaz não apenas de simplesmente documentar a realidade, mas de apropriar-se ou até mesmo criar a realidade, na medida em que, ao tirar uma foto, o fotógrafo recorta, seleciona e se apropria do que é fotografado (Sontag, 2004). Abandonando a interpretação de senso comum para a qual a fotografia geralmente traduz e fideliza o real num registro puramente técnico e objetivo, na visão da autora, trata-se, antes, de uma interpretação da realidade, na medida em que o enquadramento, o momento escolhido e o contexto da circulação interferem diretamente no significado que será atribuído a determinadas imagens.

Nesta obra, que fora inicialmente publicada na década de 1970, a autora já alertava que o acúmulo de fotografias noticiadas naquele período pela Tv, numa abordagem de exposição constante de imagens – sobretudo de dor, violência e sofrimento – poderiam gerar o efeito contrário ao de sensibilizar as pessoas diante dos crimes e dos excessos cometidos pela humanidade, banalizando, neste caso, o sofrimento humano, em vez de organizar grupos capazes de engajar respostas às atrocidades enquadradas e encetadas midiaticamente.

Tais análises tem paralelos com o tempo presente, marcado pelas guerras e conflitos armados que se alastram em diversos lugares do globo, a exemplo, a guerra entre Rússia e Ucrânia, que se desdobra desde a invasão russa, em 2022; o conflito Israel-Palestina, localizando a faixa de Gaza e Cisjordânia como polos de conflito estratégicos e a Guerra Civil no Sudão, que se desdobra desde 2023, para citar alguns. Mesmo levando em conta o recorte histórico que separa esses conflitos contemporâneos com os enquadrados pela autora estadunidense, todos eles se caracterizam pelo cobrimento do conflito em tempo real, com a consequente massiva produção de imagens e vídeos sobre cada um deles, acompanhada da apatia generalizada de uma robusta parcela da população mundial, ao passo que outra, sensibilizada para os

conflitos, assistem-nos consternada, sem constatar um desfecho ou solução para cada um deles.

Na análise da autora, o problema não está na técnica em si (fotografia), mas na forma com que determinados enquadramentos e descrições são priorizados, podendo gerar o efeito que ela se refere como estetização da dor, isso é, quando imagens de sofrimento são consumidas de forma estética, caracterizando situações nas quais a dor dos outros é consumida como um objeto visual (Sontag, 2004). Nas obras, esse “outros” referem-se unicamente a humanos, vítimas das guerras e conflitos armados. Na ampliação analítica apostada neste caso, não se trabalha com a categoria de viventes vítimas das guerras, mas dos fenômenos extremos que advém das MCG.

A autora argumenta que, dependendo de certas escolhas, esses enquadramentos produzem um quadro de despolitização das tragédias, ao enquadrá-las como um registro percebido como belo em nosso plano sensorial. Nessa perspectiva e dependendo de como é enquadrada ou circulada, a experiência compartilhada das guerras por meio de seus registros fotográficos pode despotencializar tais acontecimentos históricos. Esse quadro, contudo, não é unísono ou inevitável. Em ambas as obras a filósofa defende o argumento o qual “Fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas” (Sontag, 2025, p. 16).

Num registro mais contemporâneo, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em diálogo com Leonidas Donskis (Bauman; Donskis, 2014) atualiza essa compreensão de que a saturação das imagens que registraram o traço atroz da humanidade, como sofrimento, guerras e pobreza, potencializado pela ascensão de novas mídias, pode levar ao efeito paradoxal da dessensibilização. Sua repetição transforma o modo com que significamos e compartilhamos sofrimento em algo banalizado ou normalizado no tempo presente, de forma que o próprio sofrimento passa a caracterizar uma forma de consumo. Esse sofrimento, experimentado na posição de um espectador, que vê de “longe” e de forma mediada pelas telas, se constrói numa distância moral do objeto consumido, um quadro que dificulta – mas não inviabiliza – o desenvolvimento de um compromisso ou ação diante do que se vê, mobilizando uma responsabilidade moral duradoura. O consumo mediado pela mídia permite a substituição da ação pela visualização, na análise do autor.

Em consonância, estão as análises de Beiguelman (2021), para as quais o estatuto da imagem se posiciona como principal interface de mediação no contemporâneo, centralizando a comunicação, as relações afetivas e até novas estéticas de vigilância. Embora não trate de qualquer imagem. Na análise da autora, as novas modalidades de fotos (como as *selfies*) engajadas pelas mídias ou redes sociais acabam “engolindo” qualquer outra forma de conteúdo, contribuindo para o efeito de despolitização da cena contemporânea. Desse modo, o potencial atrativo inerente à comunicação jornalística para as pautas ambientais, comentado na introdução, torna-se enfraquecido no

contexto de disputa de narrativas ensejadas pela disparidade de mídias acessadas e consumidas no tempo presente.

Da mesma forma que a veiculação de imagens de atrocidades podem atingir um público que não fez parte das mesmas, como é o caso da Guerra Civil espanhola, primeira a ter cobertura e ter sido transmitida em larga escala, chamando-lhes a atenção para problemas que, na ausência da cobertura midiática talvez não aparecem na ordem do dia, não há garantia nenhuma que tal cobertura tenha o efeito de despertar uma empatia ou sensibilidade para o fenômeno. É o caso do atentado do *World Trade Center* do dia 11 de setembro de 2001, que foi classificado como irreal, surreal ou “como um filme”, por cidadãos que escaparam das torres ou viram o desastre de perto. A autora analisa que quatro décadas de filmes de catástrofe produzidos por Hollywood teve grande contribuição na substituição da maneira pela qual os sobreviventes assimilavam o que havia ocorrido (Sontag, 2025).

Apesar de não serem o mesmo objeto analítico, aposta-se que as considerações traçadas pela autora nessas obras contribuem para analisar os enquadramentos contemporâneos dados às fotografias que acompanham as notícias acerca dos efeitos das MCG, uma vez que o paradoxo histórico analisado é o mesmo: um problema humanitário caracterizado pela dizimação de populações, cada vez mais veiculado por fotografias em cobertura real e propulsionado pela multiplicidade de novas mídias, e a paralisia de parte considerável da população no que tange à respostas na forma de ações a esse mesmo fenômeno. De forma similar, o raciocínio voltado para a ideia de que a documentação de guerras que ocorreram/ocorrem alhures pode enredar quem está a distância, o mesmo pode ser pensado para o registro dos fenômenos climáticos extremos.

Em paralelo à problemática aqui delineada, com os *media* ganhando importância significativa na veiculação da problemática global das MCG, não tardou para que a comunidade acadêmica e científica passasse a analisar a forma com que tal fenômeno é construído – enquadrado e noticiado, uma vez que se consolidaria como elemento fundamental na percepção de grande parcela dos cidadãos face à questão (Azevedo; Guerner, 2018). Tal quadro se traduz pelo reconhecimento de que não basta apenas noticiar; é preciso se atentar à forma e enquadramento com que se noticia, uma vez que o sucesso da comunicação estabelecida pela mídia hegemônica está tanto nas escolhas lexicais (Inocêncio; Sereia; Kovalski, 2025), como no enquadramento fotográfico optado ao comunicar a notícia.

Apresentada essa fundamentação, cabem algumas questões que podem ser levantadas com as teorizações apresentadas até aqui: quais garantias que se tem ao afirmar que as enchentes que ocorreram no estado do Rio Grande do Sul (RS) entre os meses de abril e maio de 2024, transmitidas em tempo real pelos veículos midiáticos e redes sociais, não tenham despertado empatia em todo o país? Afinal, diversos estados brasileiros doaram contribuições para entidades que se mobilizaram a prestar assistência

ao desastre, como noticia a reportagem da Agência Brasil (Defesa Civil..., 2024). Quais garantias se tem de que a seca severa que atingiu a totalidade do estado de Alagoas em 2025, num registro de estiagem severa, nunca antes registrada, não tenha gerado empatia em habitantes dos estados do Sul do país? De quais dados dispomos para afirmar que as imagens e vídeos produzidos acerca da seca do Rio Negro, em Manaus (RN), não tenha despertado um espírito combativo ou uma catarse, naqueles tocados por esse material?

A seção a seguir apresenta as reportagens com as respectivas fotografias analisadas no que se referem aos seus possíveis efeitos de sentido no espectador.

Os efeitos de sentido nas fotografias da notícia digital

O corpus analítico das fotografias referentes às notícias analisadas está sistematizado na tabela 1.

Tabela 1: Sistematização das notícias cujas fotografias são analisadas.

Título da notícia	Página eletrônica de veiculação	Ano de publicação
Corte internacional conclui que as mudanças climáticas são ‘ameaça existencial’; entenda por que a decisão é histórica	G1, Globo	2025
10 de Março – Dia nacional de conscientização sobre as mudanças climáticas	Sp.gov.br	2025
Do calor às inundações: população já sente impactos do aquecimento global no recife	Diário de Pernambuco	2025
Mudanças Climáticas: cenários antes vistos como alarmistas já são tratados como conservadores por cientistas	O globo – economia	2024
2024 é o ano mais quente já registrado e primeiro a superar o limite de 1,5º C	ECOIA UOL	2025
Aceleração da crise climática pressiona OMS por decretação de emergência global	Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio – Fiocruz	2024
Relatório da ONU mostra que mundo está na “corda bamba” do clima	ONU News	2024
Guterres alerta para “momento decisivo” na luta contra mudança climática	ONU News	2024
Especialistas discutem mudanças climáticas em São Paulo	Globo Rural	2016

Fonte: Autoria própria.

Compõe a categoria engajamento positivo apenas uma das nove fotografias incluídas no corpus de análise. Trata-se da fotografia que acompanha a notícia do G1 Globo (Corte internacional..., 2025) (Figura 1).



Figura 1: Fotografia da notícia intitulada “Corte internacional conclui que as mudanças climáticas são ‘ameaça existencial’”; entenda por que a decisão é histórica”.

Fonte: página digital do G1, Globo³.

A fotografia capta o momento de chegada dos bombeiros que foram acionados durante os incêndios que ocorreram na cidade de Los Angeles, EUA, em 11 de janeiro de 2025, denotando, portanto, uma cena de auxílio ou socorro diante de um dos efeitos críticos das MCG, os incêndios, neste caso.

Na análise iconográfica estabelecida por O’Neil e Nicholson-Cole (2009) o fato de a fotografia situar a localidade (Los Angeles) é importante para romper com uma representação abstrata do problema, abordada muitas vezes de forma distanciada dos registros de tempo e de espaço (ausência de marcadores que demarquem onde e quando). Logo, essa fotografia conduz à compreensão de que tanto o problema, como ações voltadas ao seu combate, pode ocorrer na localidade na qual se habita.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2025/07/23/em-parecer-historico-o-tribunal-mundial-affirma-que-as-mudancas-climaticas-sao-uma-ameaca-existencial.ghml>.

A mesma demarcação também contribui para que se evite a negação psicológica que muitas vezes acompanha a (não) percepção do problema, culminando num viés temporal, isso é, na percepção enviesada de que o problema só acontece à distância e nunca na proximidade onde se habita (Beattie; McGuire, 2021). Shome e Marx (2016) complementam que o enquadramento das mudanças climáticas é mais eficaz quando feito com acréscimo de exemplos locais, não só com exemplos de âmbito nacional. A exemplo: para um habitante estadunidense, pautar acerca das secas no Sudoeste de seu país tem mais sentido de urgência do que falar sobre as secas que acometem o continente Africano.

O enquadramento em questão também contribui para a mitigação do que vem sendo denominado por ansiedade climática e da sensação de impotência que a acompanha, uma vez que o enquadre contribui para a percepção de haver um serviço que pode ser acionado em casos de catástrofes extremas, adensando as análises de O'Neil e Nicholson-Cole (2009), que perceberam que situações que não apenas relatem um caso, mas vem acompanhadas de uma instrução capaz de orientar o que fazer, a fim de minimizar certos problemas, são capazes de aumentar o nível de engajamento entre o cidadão comum.

Na contramão, as oito demais fotografias integram a categoria de engajamento negativo. Como se trata da maioria das fotografias, optou-se por representar tal categoria com uma única figura (Figura 2), dado o espaço físico do manuscrito. É representativa desta categoria o caso que ilustra a notícia veiculada na página digital do Globo Rural (Especialistas discutem..., 2016).

Nesta fotografia, um habitante de origem simples pausa diante de um córrego totalmente seco, de forma que é possível perceber sua expressão resignada diante do problema. As soluções para o mesmo são associadas somente à manchete da notícia: os “Especialistas”, distanciando o cidadão comum da resolução propriamente dita do problema. Importa demarcar que a figura do especialista também não é contemplada no enquadre da fotografia. Esse enquadre produz o que O'Neil e Nicholson-Cole (2009) nomeiam de distanciamento simbólico e social, uma vez que faz parecer que o problema não dialoga com a experiência cotidiana das pessoas e por reforçar a percepção (fortalecida, neste caso pelo texto que acompanha a fotografia) de que sua solução será sempre construída por outros os quais os impactos severos das MCG não recaem, neste caso, os especialistas.

Adensam essa categoria as demais fotografias que aludem: a habitantes brasileiros se adaptando aos efeitos dos fenômenos extremos, seja colocando seus pertences em sacolas para atravessar enchentes, a cidadãos usando sombrinhas para se proteger da chuva (mesmo que o texto da notícia descreva que as chuvas entre junho e setembro estiveram muito abaixo da média em grande parte da Bacia Amazônica), a cidadãos usando máscaras faciais para evitar inalar componentes particulados que emanavam de incêndio em Brasília, a indianos lavando o rosto durante uma onda de calor que

acometeu Ahmedabad, ou a enquadramentos que centralizam uma criança e uma mulher de poucos recursos se deslocando num clima árido ou, ainda, cidadãos caminhando com garrafas d'água na mão e diante de um pôr do sol bastante alaranjado, evidenciando uma fotografia em cores “quentes”.



Figura 2: Fotografia da notícia intitulada “Especialistas discutem mudanças climáticas em SP”.
Fonte: página digital do Globo Rural, Globo⁴.

Tais fotografias não evidenciam o que O’Neil e Nicholson-Cole (2009) concebem como o estratégico do engajamento positivo, isso é, enquadramentos que criam condições para que o espectador se reconheça como agente potencial daquilo que vê. Tais fotografias resumem-se em cenários de mitigação ou com foco exclusivo em cenas de desastres. Com base em resultados empíricos obtidos num estudo com uso e imagens, os autores concluem que o foco voltado aos enquadres que caracterizam essa segunda categoria não contribui por criar engajamento, isso é, em condições nas quais os espectadores se sintam agentes. Mesmo que muitas das fotografias escolhidas nessas notícias ilustrem com propriedade o conteúdo textual que estrutura a notícia, as mesmas reforçam passividade, pelas considerações descritas anteriormente. Essa passividade eclipsa a capacidade representativa que os espectadores, na figura de cidadãos, teriam acerca de quais futuros possíveis pudessem ser co-construídos na vigência da problemática.

⁴ Disponível em: <https://globorural.globo.com/Noticias/noticia/2016/02/especialistas-discutem-mudancas-climaticas-em-sp-2.html>.

Tais achados adensam os dados de que a prioridade da cobertura midiática da imprensa brasileira está voltada à remediação dos impactos ambientais, deixando a cobertura da adaptação climática marginalizada (ANDI, 2007), o que contribui com a dificuldade de fotografias que captem ações humanas como agentes mobilizados e respondendo ao problema enquadrado.

Pensando com Sontag (2004; 2025) o enquadramento e o momento de captura escolhidos captam um automatismo para o qual a fotografia meramente traduz em linguagem iconográfica o conteúdo textual que acompanha a notícia. Nesse enredamento analítico, contudo, analisa-se que a manutenção de tal prática pode ter o efeito prático de produzir resignação, quando não à sensação de que o problema é maior do que nossas ações – como a fotografia do morador pousando diante do córrego seco, analisada anteriormente. Neste ponto, a prevalência de tais registros pode contribuir na guinada de um efeito pedagógico desesperançado.

Acerca disso, pode-se confabular um conjunto de relações que escapa ao *frame* das imagens e que seria fundamental na criação de um engajamento positivo: diante do córrego seco, os moradores se mobilizaram em ações locais e cotidianas, como a criação de sistemas de captação de água da chuva e reuso da água? Diante da enchente enquadrada em uma das notícias da ONU News (2024), os cidadãos cobraram chefes de estado para a criação de políticas públicas de prevenção do problema? Por situarem fora dos enquadramentos dos quais se tem conhecimento, as escolhas acionadas no momento de captação das fotografias produzem no espectador o sentido de passividade, de forma que um tipo específico de estetização da dor acaba por ser atualizado.

Contudo, vale retomar uma análise em perspectiva, uma vez que para Sontag (2004; 2025) uma imagem tem sua força drenada pela maneira como é usada. Meios de comunicação que geralmente a banalizam, como a Tv e, mais recentemente, as mídias digitais, contribuem para a exposição repetitiva, e, conseqüentemente, para a insensibilidade do espectador. É bastante importante localizar que se trata de um veículo de comunicação digital que tem por base a informação de notícias que atingem parte significativa da população.

Ainda operando com a noção de distanciamento simbólico e social (O’Neil; Nicholson-Cole, 2009) vale fazer o contraponto com a imagem do “cavalo caramelo”, como fora referido em alguns veículos de comunicação brasileiros, que ficou ilhado no telhado durante as enchentes que acometeram a maior parte do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2024. Tal situação o consagrou ao título de “símbolo da resistência”, como noticia a manchete da notícia citada a seguir. A aproximação simbólica e social do cavalo para o povo gaúcho se assenta numa singularidade histórica própria: o animal é associado à celebração da Revolução Farroupilha, marco da luta por independência do estado do Rio Grande do Sul no século XIX. Todo ano o estado organiza cavalgadas que percorrem todo seu território com o intuito de coletar doativos que serão ofertados aos mais necessitados: “É uma tradição que faz parte do

DNA do povo gaúcho e celebra uma parceria: homem e cavalo são uma coisa só” (Cavalo que se tornou..., 2024), como consta no texto da notícia da qual a Figura 3 fora extraída.



Figura 3: Fotografia da notícia intitulada “Cavalo que se tornou símbolo da resistência em meio às enchentes no Rio Grande do Sul é resgatado”

Fonte: página digital do G1, Globo⁵.

Tal aproximação simbólica, somada à onipresente circulação que o animal ganhou nas telas no dia 08 de Maio daquele ano, foi um critério que contribuiu para a grande comoção do público. Ainda segundo Marx e Shome (2016) a comunicação para as MCG é eficiente quando atinge: “Imagens vívidas, na forma de filmagens, metáforas, depoimentos pessoais, analogia com a vida real e comparações concretas” e/ou “Mensagens feitas para criar, recordar e destacar experiências pessoais relevantes e para obter uma resposta emocional” (Marx; Shome, 2016, p. 29).

Ainda que a fotografia, neste caso, não tenha sido veiculada intencionalmente com tais intenções, trata-se de um caso de engajamento positivo bem-sucedido no que se refere ao critério de aproximação simbólica e social com o público, um evidente caso que não recorre à clássica fotografia do urso polar nas afetadas calotas de gelo do ártico, mas que lhe conferiu um “modo de endereçamento” (Gomes, 2007).

Gomes (2007) discute que quando aplicado aos estudos de jornalismo a notícia pode produzir uma orientação em relação a determinado acontecimento, mas também pode ir além, quando cria uma relação singular com seu receptor a partir da criação de um estilo que o identifica e o diferencia

⁵ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/05/09/cavalo-que-se-tornou-simbolo-da-resistencia-em-meio-as-enchentes-no-rio-grande-do-sul-e-resgatado.ghtml>.

dos demais, tendo sido eficaz por se afinar com a identidade deste povo, neste caso. Também porque, em se tratando de um conjunto finito de preocupações, as pessoas tem tendência a prestar mais atenção à ameaças de curto prazo (resgatar o animal ilhado da enchente, neste caso) do que ameaças caracterizadas como longo prazo (transição energética justa e descarbonização da economia, para citar algumas) (Shome; Marx, 2016).

Ainda com base na fundamentação dos autores citados anteriormente, importa sublinhar que quando o engajamento se dá em sentido emocional e afetivo – comoção do público –, esse tipo de resposta desperta o interesse para um problema de curto prazo. Nada garante que o público comovido com o cavalo neste caso expandirá sua comoção para contextos problemáticos de mitigação ou adaptação mais amplos e futuros envolvendo os efeitos das MCG. Se o estado brasileiro se importasse efetivamente com a proposta de educar para as MCG, como se tem visto em algumas ações legais⁶, os veículos de comunicação poderiam aproveitar a resposta emocional que caracterizou este caso para balancear com informações analíticas (Marx; Shome, 2016), construindo respostas mais efetivas. Por fim, esse caso também adensa as análises de Sontag aqui mobilizadas, uma vez que a comoção, pelo menos do que fora veiculado no conteúdo das mídias, pareceu ser maior com o animal do que com os habitantes humanos do estado do Rio Grande do Sul, que foram notificados em menor número.

Conclusões

O fato de a maioria esmagadora das fotografias compor a categoria de engajamento negativo é o dado mais proeminente nos achados dessa investigação. Na perspectiva de Sontag (2025) as tecnologias mais recentes proporcionam uma alimentação incessante que incorpora imagens de desgraça e atrocidade num curto espaço de tempo, quando comparado a períodos históricos anteriores. Essa disposição contemporânea de consumo de imagens contribui para que nossa compaixão ou solidariedade, como afetos que nos enredam aos demais indivíduos, vão ficando entorpecidas (Bauman; Donskis, 2014; Sontag, 2025), mote que dificulta e, por vezes, inviabiliza as respostas necessárias na forma de ação visando problemas de longo prazo, diante da problemática das MCG.

Contudo, essa perspectiva não se curva ao pessimismo fatalista, como denotou os resultados encontrados neste caso. A realidade da dor transformada em espetáculo não é o *télos* das sociedades ocidentais. O que fica latente é a necessidade de um aprimoramento no modo de veiculação da notícia digital acerca das MCG capaz de repensar a estrutura que guiou a diagramação das mídias até aqui. O corpus analítico analisado pelo referencial

⁶ A exemplo, a promulgação da Lei nº 14.926 em 2024, que altera a Política Nacional de Educação Ambiental (9.795/1999) acrescentando atenção às mudanças do clima, dentre outros tópicos.

teórico conduz à compreensão de que a fotografia jornalística não desempenha meramente um papel ilustrativo na notícia digital. Seus enquadramentos produzem efeitos de sentido capazes de influenciar formas pelas quais o público percebe a gravidade do problema. Nesse sentido, a predominância de fotografias categorizadas como de engajamento negativo sugere a necessidade do debate acerca das estratégias visuais adotadas pelo jornalismo que faz a cobertura ambiental, buscando equilibrar o conteúdo da notícia com registros capazes de evidenciar respostas coletivas ao problema de escala global, ainda que o recorte temporal não possa ser associado à uma generalização acerca da totalidade da cobertura jornalística brasileira.

Sontag (2015) conclui uma das obras se opondo à uma perspectiva para a qual todos se tornaram consumidores que se resumem à catarse da dor como estética. É preciso driblar esse recurso da “exposição repetida”, que leva ao espectador traduzir por menos real aquilo que vê. Em vez de banir as imagens; propõe-se redirecioná-las a uma comunicação mais estratégica, para a qual a fotografia que acompanha a notícia não pode simplesmente traduzi-la de forma passiva, haja vista que fora analisada que a estagnação decorre como efeito de sentido dessa estruturação. Disso decorre que uma educação midiática precisa acompanhar a educação para as MCG. Enquanto esta não está em curso, ainda é possível analisar as fotografias que enquadram a forma com que a notícia é veiculada, problematizando seus sentidos.

Apesar da prevalência dos achados, o recurso das fotografias que definem catástrofes e crises como direcionadores de nossa atenção para o problema permanece válido. Basta que alguns exemplos sejam resgatados, como a cobertura da guerra da Bósnia e sua ampla cobertura jornalística, que culminou no sentimento de grande parte da população de que “algo tinha de ser feito” (Sontag, 2025).

Referências

ANDI. Agência de Notícias dos Direitos da Infância. **Mudanças Climáticas na Imprensa Brasileira**: uma análise de 50 jornais no período de julho de 2005 a junho de 2007. Brasília, DF, 2007.

AZEVEDO, José; GUERNER, Antônio. **Inovação no ensino das alterações climáticas**: o papel dos média. Rainho & Neves, Ltda, 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BEATTIE, Geoffrey; MCGUIRE, Laura. **A psicologia das mudanças climáticas**. São Paulo: Editora Blucher, 2021.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem**: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 3: 269-284, 2026.

BITTENCOURT, Maurício Pimentel Homem de; VECCHIO-LIMA, Myrian Regina Del. Educação Ambiental sobre a Amazônia (EAA): uma proposta orientada por aspectos do jornalismo. **Revbea**, São Paulo, V. 20, N. 2:233-248, 2025.

BRASIL. Lei nº 14.926, de 17 de julho de 2024. Altera a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais no âmbito da Política Nacional de Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 jul. 2024.

CAVALO que se tornou símbolo da resistência em meio às enchentes no Rio Grande do Sul é resgatado. **G1 Globo**. 9 maio 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/05/09/cavalo-que-se-tornou-simbolo-da-resistencia-em-meio-as-enchentes-no-rio-grande-do-sul-e-resgatado.ghtml>. Acesso em 19 mar. 2026.

DEFESA Civil do RS contabiliza 200 toneladas de alimentos doados. **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/defesa-civil-do-rs-contabiliza-200-toneladas-de-alimentos-doados#:~:text=A%20Defesa%20Civil%20do%20Rio,2%20toneladas%20de%20alimentos%20diversos>. Acesso em: 14 jan. 2026.

GOMES, Itânia Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos e operadores de análise. **Revista e-compós**, v. 8, abr. 2007.

HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. A produção social da notícia: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.

INOCÊNCIO, Adalberto Ferdnando; SEREIA, Desses Aparecida de Oliveira; KOVALSKI, Mara Luciane. A naturalização dos efeitos antrópicos das Mudanças Climáticas Globais (MCG) na veiculação da notícia digital: o caso de uma oficina formativa no sudoeste do Paraná. **Revbea**, São Paulo, V. 20, N. 8:156-170, 2025.

LOPES, Leonardo Soares. **O poder da imagem na comunicação das alterações climáticas**: um estudo histórico-comparativo da cobertura visual na imprensa. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2022.

O’NEIL, Saffron; NICHOLSON-COLE, Sophie. “Fear won’t do it”: promoting positive engagement with climate change through visual and iconic representations. **Science Communication**. v. 30, n. 3., p. 355-379, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240699120_Fear_Won't_Do_It_Promoting_Positive_Engagement_With_Climate_Change_Through_Visual_and_Icnic_Representations. Acesso em: 14 jan. 2026.

O papel do Brasil no contexto da governança climática global: protagonismo começou com a Rio 92 e atinge seu ápice com a realização na COP 30 numa capital amazônica. **Supremo Tribunal Federal**. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/o-papel-do-brasil-no-contexto-da-governanca-climatica-global/>. Acesso em: 14 jan. 2026.

RODAS, Caroline de Araújo; DI GIULIO, Gabriela Marques. Mídia brasileira e mudanças climáticas: uma análise sobre tendências da cobertura jornalística, abordagens e critérios de noticiabilidade. **Desenvolvimento e Meio ambiente**. v. 40, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

SHOME, Debika; MARX, Sabine. **A comunicação das mudanças climáticas**: um guia para cientistas, jornalistas, educadores, políticos e demais interessados. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas sobre Decisões Ambientais, 2016.